

(Característica musical forte)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

ROBERTO: - SIMONE!... (Sóbe a característica novamente)

SPEAKER: - Simone é mais uma historia desenhada e colorida pela imaginação de Roberto Lis para o Grande Teatro Difusora que tem o patrocínio dos Chuveiros Elétricos Amaral. (Entra aqui a propaganda dos Chuveiros Amaral)

As personagens de Simone são as seguintes:

SIMONE.....	Lilia Maria
DR. PARDAL.....	Assessora MARIO SIAPA
IRMA MARIA TEREZA.....	Nina Rosa
VITOR.....	Roberto Lis
Angélica.....	Maria VERA REGINA
HILDA.....	Maria MARIA DE LOURDES
HERCULANO.....	Quilombo AYALON & FILHO
Signora Pongeti.....	Maria ALMACASTRO

Encarregado do estúdio..... Emilio Belo

Sonogonia de.....

(Sóbe a característica, baixando, depois, até desaparecer)

Pardal - A que devo a visita da minha encantadora Simone?

Simone - A um caso muito complicado, doutor Pardal. Tão complicado que eu, que sempre resolvi sósinha todos os meus ~~casos~~, resolvi, pela primeira vez, desde que me conheço por gente, pedir o auxílio de uma outra pessoa.

Pardal - E eu me sinto verdadeiramente lisonjeado por ter sido a pessoa escolhida pela personalíssima Simone.

Simone - Seria uma ingratidão muito grande da minha parte pensar noutro nome que não fôsse o seu, tendo sido o senhor o maior e melhor amigo de meu pai.

Pardal - E de sua mãe, também. Fui grande amigo dos dois. Também não lhes fazia favor algum. Apenas retribuía o que deles recebia em amizade. Mas vamos ao caso que tanto lhe preocupa. O que ha Simone?

Simone - É o seguinte: fui pedida em casamento...

Pardal - Ora, ora, como é que eu não advinhei logo que se tratava de um caso amoroso?

Simone - Mas espere, doutor, escute. Até aí não haveria nada de extraordinário. A questão é que eu fui pedida por dois rapazes ao mesmo tempo.

Pardal - Oh diabo! Logo dois? Eu cada vez fico mais convencido de que a sorte é muito desigual. Enquanto tantas outras moças suspiram por um pedido, você me aparece logo com ~~dois~~, e depois? *Vamos ver.*

~~Pardal~~ Simone - Depois ha o seguinte: um dos rapazes tem vinte e tres anos, ^é solteiro, rico e pertence a uma familia de grande destaque na sociedade.

Pardal - Ótimo. O outro quem é?

Simone - O outro é um viuvo de trinta e dois anos, remediado e tem uma filha de nove ~~anos~~ que está internada num colégio *de feiras.*

Pardal - Bem, Se fôssemos considerar apenas as vantagens materiais que um e outro oferecem é claro que o segundo estaria fora de cogitação, entretanto o fator primordial da felicidade no casamento está justamente num sentimento que venda os nossos olhos para o interesse. Esse sentimento é o amor e só a ele devemos atender se buscamos a felicidade.

- Simone - Bem sei, doutor Pardal, e até aí a sua maneira de sentir coincide justamente com a minha.
- Pardal - Pois então eu não vejo razão alguma para que a minha encantadora Simone se encontre sem saber o caminho que deva seguir. Aceite a proposta da quele a quem você ama. e pronto.
- Simone - Pois aí justamente é que reside o meu maior embaraço. Oswaldo é um rapaz alegre, agradável, inteligente e perto dele eu me sinto sempre satisfeita. Vitor, o viuvo, é também um rapaz inteligente e educado mas de um temperamento completamente diverso do de Oswaldo. É retraído, melancólico, refletido e ponderado em todos os seus atos.
- Pardal - E o que sentes tú, quando estás junto dele?
- Simone - Uma agradável sensação de segurança e bem estar. E é justamente isto que forma a encruzilhada da qual eu não consigo sair. Recebo com prazer a corte de um e de outro. Ambos me prendem. Um pela sua alegria, o outro pela sua tristeza. Um pela sua afabilidade, o outro pelo seu retraimento. Um pelo seu estouvamento, o outro pela sua ponderação. É uma encruzilhada terrível, doutor Pardal. Eu preciso sair dela e o senhor tem que me ajudar.
- Pardal - É, minha querida Simone, as coisas estão realmente muito complicadas. A meu ver tu não gostas verdadeiramente nem de um nem de outro.
- Simone - E eu estou em lha afirmar que gosto de ambos. Gosto e devo me decidir por um deles porque com os dois, é lógico, ~~eu~~ não me poderei casar.
- Pardal - Pois eu te digo, então, com sinceridade, que não sei o que te aconselhar. (Pausa) Mas... que diabo! porque motivo mas de dar uma resposta tão imediata a um ou a outro? Porque não esperas mais algum tempo até que o teu coração se sinta inclinado para um, sem o pesar de perder o outro?
- Simone - Porque essa situação já se prolonga há muito tempo, doutor Pardal. Há mais de seis meses que eu espero que o meu coração se defina. E eles também já começam a mostrar impaciência e a exigir uma definição.
- Pardal - ^{Eles sabem um?} ~~Sim. Eles sabem um?~~ (da corte ~~de~~ outro. ~~qual?~~)
- Simone - Não. ~~Eles~~ Vivem em meios completamente diversos. Oswaldo encontra-me sempre em sociedade. Vitor vai ver-me ~~na~~ minha casa.
- Pardal - Bem, minha cara Simone, se como dizes o grau de afeto por um e por outro é justamente o mesmo, não deverás então desprezar as vantagens todas que a posição de Oswaldo possa trazer à tua vida.
- Simone - Mas em tudo isto existe ainda uma peninha para atrapalhar.
- Pardal - Oh meu Deus, mais ainda!?... Cada vez a complicação se complica mais.
- Simone - O senhor sabe, doutor, a minha paixão imensa pelas crianças!
- Pardal - Se sei!... Tua pobre mãe muito trabalho passou com a tua mania de trazer para a casa toda a criança que encontravas na rua e que imaginavas estar ao abandono. Lembro-me ainda uma tarde ~~que~~ eu lá estava ~~e~~ que tu apareceste com cinco criolinhos que passaram pela tua porta. Muito mal vestidos, muito sujinhos. (Ri) E querias por força que tua mãe os tomasse sob tutela. (Ri novamente)
- Simone - Pois bem, essa minha paixão pelas crianças poderá influir fortemente a minha resolução. Vitor tem uma filha. Seria minha também.
- Pardal - Mas minha cara Simone, você poderá ter filhos também.
- Simone - Não, doutor. Infelizmente eu nunca poderei ter filhos.
- Pardal - Oh, sim, sim, tem razão. Desculpe. Eu não me lembrava.
- Simone - Já vê o senhor que o fato do Vitor trazer com ele uma menina de nove anos já constitui um fator de grande força a seu favor.

- Pardal - Bem, neste caso, *e*...
- Simone - (Pausa) Isto para mim teria muito mais influencia do que a fortuna de Oswaldo. Seria uma menina a quem ambos amariamos. Ele por ser o pai e eu pelo grande carinho que sempre devotei às crianças.
- Pardal - Mas filha adotiva por filha adotiva, casando-te com Oswaldo poderias re tirar qualquer criança de um asilo.
- Simone - Mas Oswaldo jamais se afeiçoaria a ela. Conheço-lhe bem o temperamento para que me deixe iludir.
- Pardal - Então, minha querida Simone, a proposta ^{do Vitor} ~~de Vitor~~ é a que deve ser aceita *te*.

(CORTINA MUSICAL)

- Simone - Você vai me desculpar, sim Vitor? Fiz-lhe esperar tanto tempo que até me sinto encabulada.
- Vitor - Ora, Simone, para quem a espera tão pacientemente ha cito longos mezes, vinte minutos nada representa.
- Simone - Você não perde a oportunidade de me fazer sentir o tempo que lhe tenho feito esperar, Vitor.
- Vitor - É natural, Simone. Você bem sabe a ansiedade com que a desejo para minha companheira de existencia. Seria natural que você não me quizesse, mas não seria humano que você me embalasse numa esperança vã durante tanto tempo. E é esse, justamente, todo o meu receio.
- Simone - E se eu não lhe quizesse, porque motivo *haveria* de iludi-lo?
- Vitor - Sei lá. As moças bonitas geralmente gostam de ser cortejadas, si bem que eu seja o primeiro a reconhecer que a minha cõrte não poderá lisongear ninguém.
- Simone - Ora essa e porque *mas* Vitor? Você não é um homem como *toda* os outros?
- Vitor - Sou um homem triste. Um homem que muito pouco possui para dar a alguem que dele se aproxime.
- Simone - Isso em você é um complexo, Vitor e como todo o complexo, extremamente prejudicial. Você precisa crer em *si* mesmo. Ter confiança no que é e no que vale. O que será preciso que eu ia, a, para que você *adquirisse* essa *confiança*?
- Vitor - *De* ~~de~~ *sim*, Simone. Essa simples palavra *sim* modificará por completo a minha vida. Eu serei outro homem quando tiver a certeza de que você me perten cerá.
- Simone - Pois bem, você então vai passar a ser outro deste momento em diante. Eu lhe dou o sim, Vitor.
- Vitor - Simone! *isto é mesmo verdade?!*... (*Tom*) *Exp. eu nem sei o que dizer...* (Pausa) *Eu que pensara em dizer-lhe tantas coisas quando me gasse a viver este momento delicioso... estou trêmulo... indeciso... e sem ~~o~~ ~~que~~ ~~dizer~~... atinar com o sentido e a coincidência das palavras!*
- Simone - Suas mãos, trêmulas e geladas, *falam* mais eloquentemente da sua emoção. Não é preciso dizer nada, Vitor.
- Vitor - Como seremos felizes, Simone!... Como seremos felizes... *seremos 3 corações meu so coração*...
- Simone - ~~os~~ *Três*, Vitor. Quero que Angélica tambem partilhe da nossa felicidade. Desde que me resolvi a dar-te o 'sim' que *a incluí em meus planos (de fu turo, ela está incluída em meus planos)*
- Vitor - Mas Angélica, Simone, a meu ver, deverá continuar onde está. É uma meni na travessa, irrequieta, teimosa e a sua maneira de ser irá causar-te sérios aborrecimentos.
- Simone - Seja o que fôr e como fôr o seu lugar é junto *de* nós. Verás como hei de transformá-la em pouco tempo.

Vitor - Bem, se é essa a tua convicção e o teu desejo, só me resta agradecer a tua boa vontade.

Simone - Nada tem que me agradecer, Vitor. Hei de fazer todo o empenho para poder substituir a mãe que ela perdeu.

Vitor - Como és boa, Simone! És um verdadeiro anjo que o Senhor deixou fugir do céu. Esse teu gesto, mais vem reforçar, ~~com esta~~ a convicção de que havemos de ser muito felizes!...

(CORTINA MUSICAL)

(Algararra de crianças, fazendo fundo a toda a cena)

Irmã - Angélica está pronta para embarcar. Desde que lhe comuniquei que o senhor havia me telegrafado avisando o seu embarque, que ela tratou imediatamente de arrumar a sua mala.

Simone - E nós poderemos vê-la agora mesmo?

Irmã - Sim. Casualmente elas estão agora no recreio. Antes, porem, eu desejava dizer-lhes algo a respeito da menina. Tanto a senhora como o pai precisarão usar de muita energia com ela porque em caso contrário ela vai dar a ambos sérios aborrecimentos.

Vitor - Eu sempre pensei que nestes dois anos de convivência com as companheiras, num ambiente ~~são~~, como ~~acreditava~~ que ~~seja~~ este, ela se modificasse.

Irmã - Nem um pouco, meu senhor. Desculpe que lhe diga a verdade. Temos tido com ela um trabalho exaustivo e já usamos de todos os métodos possíveis e imagináveis para ver se conseguimos transformá-la. Tudo tem sido inútil. O método que costumamos empregar aqui é o da tolerância mas com Angélica o único que aprovou, mais ou menos, foi o do rigôr.

Vitor - Ela sempre foi muito travessa, desde pequenina.

Irmã - Travessa só seria o de menos. É artillosa e rebelde. Tem sido muito prejudicial às suas companheiras. Tanto assim que outro dia estive a ponto de escrever ao senhor solicitando que viesse buscá-la. Calcule o senhor que foi a cabeça de um motim dentro do collegio. O primeiro que se verificou em toda a crônica do estabelecimento.

Simone - Um motim, Irmã Tereza?

Irmã - Um motim, minha senhora. Um perfeito motim. Propoz a todas que deixassem a sobrezeza nos pratos porque era quasi um desafio darmos como tal uma rapadura de leite a cada uma. Como a irmã Hortencia, encarregada do refeitório, se desse pressa em comunicar-me o ocorrido, ao regressar à sala recebeu, de todas, uma saraiçada de apupos e de assovios. Aberto um inquerito, apurou-se, desde logo, que a responsabilidade cabia unicamente a Angélica. Para não deixá-las sem um castigo compareci ao refeitório e comuniquei a todas que continuaria sem sobrezeza por trinta dias aquela que não comesse a rapadurinha que lhe toucára.

Vitor - Todas comeram, menos a minha filha.

Irmã - Exatamente. Foi justamente isto o que ocorreu.

Vitor - Ela foi sempre assim. Com ameaças jamais conseguimos alguma coisa dela.

Irmã - E com boas maneiras não se consegue, igualmente, aquilo que não corresponde ao seu desejo ou à sua vontade. Sei, perfeitamente, que essas coisas são muito desagradáveis de se dizer a um pai, entretanto entendi que seria um dever da minha parte proceder assim.

Vitor - É claro, Irmã Tereza. Fez muito bem.

Irmã - Peço-lhes então um momento de licença para ir ao jardim procurá-la.

Simone - Pois não, Irmã Tereza. (Passos que se afastam, com ruído de contas)

- Vitor - Ouviste bem o que nos disse a irmã Tereza? Não te assustas de levar para casa uma criança assim? Não pensas que seria melhor deixá-la com que ela ficasse aqui?
- Simone - Não, Vitor. Não tenho o menor receio de levá-la comigo. Tenho a certeza absoluta de que havemos de ser esplendidas amigas.
- Vitor - Mas tu bem viste o que a freira nos disse sobre a sua teimosia.
- Simone - Eu imagino o que seja Angelica. Uma criança de nove anos com personalidade absolutamente definida. É isto que as freiras, na sua maneira de ser, não podem compreender e interpretam como rebeldia e malcriação. Já se foi o tempo, Vitor, em que se torcia a vontade das crianças. Hoje ela é respeitada da mesma maneira que a vontade de um adulto. As freiras, como fazem voto de obediência, anulam a sua faculdade de desejar e não a admitem depois nas crianças. É aí que o choque se estabelece.
- Vitor - As freiras foram, em todos os tempos, e continuam a ser ainda hoje, a meu ver, as melhores educacionistas. Quando elas não conseguirem modificar o caráter de alguém ninguém mais o conseguirá.
- Simone - Pois bem, eu nunca tive a meu cargo o cuidado da educação de alguém mas affianço-te, sem o menor receio de errar, que dentro de um prazo de três meses irás notar uma profunda transformação em tua filha.
- Vitor - Eu só posso desejar, para bem de todos nós, que os anjos digam amen. (Passos que se aproximam) Parece que elas aí veem.
- Irmã - Aqui está a moça. Cumprimente seu pai e sua madrasta.
- Simone - Não, irmã Tereza, eu não desejo ser madrasta. Quero ser uma segunda mãe para Angelica. Vem, minha querida, dá-me um abraço e um beijo. (Pausa. BEIJOS). Agora dê também um abraço e um beijo a seu pai. (Pausa. Beijo)
- Vitor - Estás contente porque vamos te levar conosco?
- Angelica - Se estou contente? Oh meu pai, que pergunta! Eu estou radiante.
- Irmã - Ela não gostava daqui. Deve estar contentíssima.
- Simone - Não, irmã Tereza, ela gostava daqui, sim. É que naturalmente sentia muitas saudades do papai, não é assim Angelica?
- Angelica - É, sim senhora.
- Simone - Não quero que me chames senhora. Simone ou mamãe. Como preferires.
- Vitor - Estás com tudo que é teu pronto para embarcar, minha filha?
- Angelica - Sim, papai, está tudo pronto. Podemos ir quando quizeres.
- Irmã - Eu já dei ordem que levassem a mala para o automovel. Neste momento já deve estar lá.
- Simone - Então, Angelica, despeça-se da irmã Tereza e peça desculpas a ela de qualquer falta que você possa ter cometido.
- Angelica - Adeus, irmã Tereza. Desculpe qualquer falta, ~~sim?~~
- Irmã - Adeus Angelica. Que nossa senhora te acompanhe
- (CORTINA MUSICAL)
- (Ruído de trem, fazendo ruído para toda a cena)
- Angelica - Está com frio, mamãe? Se quer eu fecho a janela.
- Simone - Não, minha querida. Botei apenas o casaco sobre os ombros para evitar qualquer resfriado. Não queres fazer o mesmo?
- Angelica - Eu não estou sentindo frio mas se mamãe quizer botarei o casaco.

- Simone - Não, querida, foi apenas uma sugestão minha mas eu quero que faças tudo como tiveres vontade e como te parecer melhor.
- Angélica- Então eu prefiro ficar sem o casaco. Ele é muito grosso, muito áspero. Eu fico toda apertada nele, não gosto...
- Simone - Quando chegarmos em casa tu escolherás uma nova fazenda e eu mesma farei um casaco para ti do feitio que escolheres.
- Angélica- É mesmo, mamãe?!... Eu pôsso escolher a côr e tudo?
- Simone - Naturalmente. Você já está ficando uma mocinha tem todo o direito de escolher o que vai usar.
- Angélica- Que bom!... Deixa que lhe dê um beijo, mãezinha!... (Beijo) Ah papai, eu estou tão contente com a nova mamãe que tu me arranjaste!... Tão contente, tão contente que nem sei.
- Vitor - O que é preciso agora é que você seja também muito boasinha para ela. Quero que vivam sempre em perfeita harmonia.
- Angélica- Sim, papai, eu serei bem boasinha para ela.
- Simone - Seremos ótimas amigas, tenho a certeza. Você verá como tive razão em tudo que lhe disse a respeito de Angélica. Espere trez mezes e depois me diga.
- Vitor - Não é necessário esperar, Simone. Eu já comecei a acreditar no milagre.
- (CORTINA MUSICAL)
- Simone - Esta senhora é/ dona Hilda e foi contratada por seu pai para ser a sua governante.
- Hilda - Perdão, dona Simone, eu não fui contratada para governante. Seu Vitor, levando em conta a situação de abertura em que me encontro e a grande amizade de que me unia à sua extinta esposa, convidou-me a vir morar nesta casa, deixando a meu cargo a tarefa de cuidar e orientar Angélica. Não é a mesma coisa.
- Simone - Desculpe, dona Hilda. Ao dizer governante eu não tive a intenção de diminuir-la nem menosprezá-la. Como Vitor deu-lhe justamente a tarefa de orientar e governar Angélica a palavra que me ocorreu foi essa só.
- Hilda - Em respeito à posição que em outro tempo desfrutei na sociedade, eu jamais aceitaria um emprego qualquer. E menos ainda de governante. Hei de pedir a seu Vitor que lhe diga o que foi em outro tempo Hilda de Lacerte.
- Simone - Eu sei, dona Hilda, ele já me falou sobre a senhora. Peço-lhe mais uma vez que me perdôe e que acredite que eu não tive absolutamente a intenção de ofendê-la.
- Hilda - Está bem. Que idade tens agora, Angélica?
- Angélica- Vou fazer dez anos em setembro, dona Hilda. Porque?
- Hilda - Já estás em idade de aprender línguas. Vou ensinar-te inglês, francez e hespanhol.
- Angélica- A senhora sabe francez, inglês e hespanhol?
- Hilda - Italiano e portuguez. Fui uma moça muito bem educada. Hoje é que estou reduzida ao simples papel de "governante". Caprichos da sorte.
- Simone - Dona Hilda, vejo que a senhora não perdoou o meu lapso.
- Hilda - A uma mulher da minha tempera não é fácil perdoar. Contudo hei de fazer empenho em esquecer o sucedido. E agora vou ao meu quarto traçar um programa de estudos para Angélica. Com licença.
- Simone - É sua. (Passos que se afastam)

Angélica - Não gostei dela, mamãe, nem um pouquinho.

Simone - Ela em verdade não é lá muito simpática mas deverá procurar obedecê-la e respeitá-la. Bem, agora deixemos de parte dona Hilda e tratemos de preparar-nos para esperar seu pai que dentro de poucos instantes deverá chegar.

Angelica - Que vestido devo botar, mamãe?

Simone - O que mais te agradar, querida.

Angelica - Sim, mamãe. (Beijo e Passos afastando-se de corrida)

(CORTINA MUSICAL)

(Anúncios)

(CORTINA MUSICAL)

Simone - Ora, minha filha, um vestido tão fino e tão bonito você não devia botar para uma visita! Deveria guardá-lo para uma festa.

Angélica - Será possível que até nos vestidos que eu bôto queiram me controlar agora?

Simone - Não, Angélica, não é questão de controlar. É questão de economisar uma coisa que custou bastante cara. Você sabe que seu pai não é rico, logo é justo que pelo menos nisto nós o ajudemos.

Angélica - Papai não é rico mas pôde dar-lhe, todos os dias, joias e vestidos novos.

Simone - Todos os dias é força de expressão. Todos os ~~uma~~ meses um vestido é verdade, mas nôte que ele os traz espontaneamente, sem que eu lho peça. E quanto às joias, nestes oito meses que estamos casados, deu-me o brôche como presente de casamento e este anel como presente de aniversário.

Angélica - Se eu ganhasse um vestido por mês, como a senhora, não havia necessidade de estar economisando nem privando-me de botar os vestidos que gosto só para não gastá-los.

Simone - Você não tem razão de se queixar de mim, Angelica. Eu faço por você tudo que pôsso. D. Hilda é testemunha das lutas que eu sustento com seu pai quando ele levanta qualquer questão contra você. Não é verdade dona Hilda?

Hilda - Eu prefiro me conservar calada, dona Simone. Prefiro não dar palpite. Estimaria - isso sim - que resolvessem logo essa questão do vestido para saber se tenho que ir ver outro para Angélica ou não.

Simone - É melhor trocar, você não acha, minha filha?

Angélica - Não. Eu já deliberei que vou com este e ninguém me obrigará a mudá-lo.

Simone - Angélica, não ha necessidade de você me responder desta maneira. Não quer trocar o vestido não troque, mas fale com delicadeza. Responda assim: "Não, mamãe, agora eu já estou com este não vale a pena mudar. É muito trabalho! Custa-lhe ser delicada? É tão bonito."

Angélica - Eu costume ser delicada com quem merece mas não costume queimar cera com mau defunto. E a senhora faça o favor de não se meter na minha vida que é o melhor que a senhora faz.

~~Angélica~~ - Angelica! Você cada dia se torna mais bruta, menina?! Você acabará obrigando-me a queixar-me a seu pai.

Angélica - Faça o que melhor entender. Não me interessa. Tchau. (Passos que se af.)

Simone - A senhora viu só, dona Hilda? A senhora viu só?

Hilda - A culpa é sua exclusivamente. Trata-a com demasiado mimo. Ah que se fôsse comigo!... Eu a ensinaria em pouco tempo.

Simone - Angélica não era assim. De uns tempos para cá é que tem se manifestado malcriada e respondona.

- Hilda - Imponha-se diante dela. Obrigue-a a respeitá-la. Dê-lhe castigos severos e... se preciso fôr... chague-lhe ao côro.
- Simone - Deus me livre, dona Hilda! Bater-lhe? Isso nunca.
- Hilda - Pois então espere que ha de ver o resultado. Dentro em breve ela é que lhe baterá.
- Simone - Não sei a que atribuir essa transformação de Angélica de uns tempos para cá. Eramos antes tão amigas! Vivíamos tão bem!... Eu não desejava que Vitor soubesse do que está se passando mas se continuar assim serei obrigada a comunicar-lhe toda a verdade.
- Hilda - Vá por mim que sou velha e tenho experiencia da vida. Não diga nada a seu marido que será tempo perdido. Aplique-lhe severos castigos e bordoadas até, se fôr preciso.
- Simone - Não, dona Hilda, absolutamente não. Eu nunca seria capaz de fazer uma coisa destas. Hei de procurar dominá-la com brandura e carinho.
- Hilda - Estará bem arranjada. Angélica tem má índole e a senhora gastará inutilmente o seu latim. Não faça o que eu lhe digo e verá como um dia ha de se arrepender amargamente.

(CORTINA MUSICAL)

- Hilda - Está bem fechada a porta?
- Angélica - Está.
- Hilda - Pois então escute o que lhe vou dizer: Você não poderá afrouxar nem um pouco a sua atitude. O momento que você enfraquecer ela tomará conta de você e nunca mais você será senhora da sua vontade.
- Angélica - Ah, não tem perigo. Agora ela não me botará mais o freio nos dentes porque eu não deixo. Quando ela disser "não faça isto" aí mesmo é que eu vou fazer.
- Hilda - Isso. Não afrouxe nem um pouquinho. E não vá atrás da sua brandura e do seu carinho que aquilo tudo é cinismo. Com aquela parte de macia ela quer é dominar a vida de todos aqui em casa.
- Angélica - Ah mas comigo ela não vai fazer mais porque eu não aguento.
- Hilda - Você precisava ver a fúria em que ela ficou quando você saiu com o tal vestido. Queria mandar comprar um relho para esperá-la. Foi preciso que eu intercedesse e lhe fizesse ver que ela não tinha o direito de proceder assim. Dava pulos desta altura. Você precisava ver.
- Angélica - Então ela queria mandar comprar um relho para me dar bordoadas?
- Hilda - Queria. E se não fôsse eu o relho já estaria aqui.
- Angélica - Mas se a minha mãe nunca me deu bordoadas a minha madrasta é que vai me dar?
- Hilda - Você ainda é tôla em chamar-lhe de mamãe. Mãe é uma só e quando morre não ha quem a substitua. Veja lá se a sua mãe seria capaz de fazer um enorme barulho com você por causa de um vestido? Não a trate mais assim, não se ja tôla. Mamãe! Mamãe!... Uma mãe não amargura a vida da filha como ela faz com você todos os dias!...

(CORTINA MUSICAL)

- Simone - Estou extranhando a demora de seu pai. Ele não telefonou na minha ausencia avisando que viria mais tarde?
- Angélica - Não, dona Simone. Ele não telefonou.
- Simone - Dona Simone, Angélica?... Porque? Você nunca me tratou assim. Sempre me chamou de mamãe.

Angélica - Pois é, mas de agora em diante só lhe chamarei dona Simone.

Simone - O que se passa com você, Angélica?

Angélica - O que se passa é muito simples. É que somente agora eu comecei a compreender que mãe é uma só e quando ela morre não ha quem a substitua.

Simone - Angélica! Deve existir entre nós uma sombra que precisamos afastar para o bem de ambas. Deixe-me falar alguns minutos a você...

Angélica - (violenta) Saia. Não me tóque. Dispenco os seus beijos e as suas carícias. Era preciso que eu não lhe conhecesse para deixar enganar-me. Quando me afaga tem vontade de torcer-me o pescoço. e quando me beija o seu desejo era dar-me dentadas e fazer sangrar a minha carne!

Simone - Angelica!...

Angelica - Não me deixarei enganar nunca mais! Vibora! Hipócrita! Fingida! (Passos que se afastam)

Simone - (chorosa, depois de uma pausa) Hipócrita, eu!... Fingida! Vibora!... Meu Deus, meu Deus!... O que estará se passando no coração dessa criança!

(CORTINA MUSICAL)

Vitor - Não sei, dona Hilda. Não posso saber o que se passa com minha mulher e minha filha, de uns tempos para cá. Elas eram antes tão amigas!...

Hilda - Não é muito difícil de compreender-se, seu Vitor. Angélica é uma menina de muita personalidade para permitir que lhe sufoquem as suas vontades sem re voltar-se.

Vitor - Mas Simone é tão boa para ela. Digo-lhe até que não ha quem respeite tanto as vontades de Angélica.

Hilda - Quem vê cara não vê corações, seu Vitor.

Vitor - O que é que a senhora quer dizer com isto, dona Hilda?

Hilda - Nada, seu Vitor, nada. Em questões de família os estranhos não devem se meter. É melhor que eu continue de parte.

Vitor - Não, dona Hilda, eu faço questão de saber o que se passa.

Hilda - Pois então, já que o senhor insiste, eu lhe direi apenas isto: Dona Simone em sua presença é uma coisa. Longe do senhor é outra completamente diferente!...

(CORTINA MUSICAL)

Herculano - Eu bem imagino a surpresa que lhe ha de causar a ^{minha} ~~me~~ presença em ^{meu} ~~minha~~ casa...

Simone - Efetivamente... eu nunca seria capaz de supor que um dia o senhor ~~me~~ viesse procurar-me aqui.

HERCULANO - Não me trate de senhor. Fomos tão íntimos em outros tempos.

Simone - Disse bem. Em outros tempos. Hoje eu sou uma senhora casada. Mas o que deseja afinal?

Herculano - Talvez seja um pouco arrejado o motivo da visita que lhe faço... É que.. Simone, eu serei franco e lhe direi tudo sem rodeios. Até hoje não con segui atinar com o motivo porque voce, de uma hora para a outra, deu por terminado o nosso namoro. Você sabia que eu gostava de você e não tinha o direito de proceder assim.

Simone - Mas só agora, depois de tanto tempo transcorrido é que o senhor se lem bra de querer saber o motivo? Ele deveria estar bem claro, desde que me casei com outro.

Herculano - Sim, foi o que também pensei mas agora disseram-me que você é muito in feliz com ele...

Simone - É mentira.

Herculano- E eu queria dizer-lhe que ainda a amo e que sou o mesmo de outros tempos

Simone - Cale-se, por favor. O senhor não tem o direito (transição) quem é? (chamando) Angélica. O que é que você está fazendo atrás do reposteiro?

Angélica - (disfarçando) Não, nada. É que eu estava procurando a dona Hilda, pensei que ela estivesse aqui. Mas podem continuar à vontade. Eu não interrompo.

Simone - Não, Angélica, não saia. Fique aí. Faça questão que você ouça a nossa conversa. Continue, senhor Herculano.

Herculano- Quando me informaram que a senhora estava morando aqui eu não quis deixar de vir fazer a minha visitinha de cortezia. Afinal fomos sempre tão bons amigos que...

Simone - Não, senhor Herculano. Não dissimule. Faça questão que continue a falar em presença de Angélica no mesmo tom em que o fazia há pouco.

Herculano- Bem... quer dizer... disseram-me que a senhora era muito infeliz com o seu marido...

Simone - Mentiram-lhe. Sou muito feliz, até. Amo-o e não o deixarei por coisa alguma deste mundo.

Herculano- Bem, neste caso queira desculpar o lamentável engano.

Simone - Está desculpado. E se era só, peço-lhe que se retire.

(CORTINA MUSICAL)

Vitor - E porque o recebeste na minha ausência?

Simone - Porque ignorava completamente o motivo da sua visita.

Vitor - Tu não estás dizendo a verdade, Simone.

Simone - Oh, Vitor! Juro-te. Juro-te pelo que há de mais sagrado para mim que é o nosso amor.

Vitor - Hem me fale no nosso amor num momento destes. Eu exijo que você me conte toda a verdade, Simone.

Simone - Mas Vitor, eu já te contei tudo.

Vitor - Tudo não. Há certas coisinhas que você omitiu. (chamando) Angélica, venha cá.

Simone - (meia voz) Eu logo vi. (Passos que se aproximam)

Vitor - Simone conta diferente a sua conversa com aquele senhor que esteve aqui hoje de manhã.

Angélica- É natural. Ela há de procurar inocentar-se.

Simone - Angélica!... Você tem a coragem?

Angélica- Defendo a honra e dignidade de meu pai que a senhora não soube respeitar.

Simone - (num grito) Angélica!

Angélica- Não me assustam os seus gritos. hei de dizer a verdade. E mais ainda. Uma coisinha que ainda não lhe havia contado, meu pai. Quando eu entrei subitamente na sala eles estavam de pé, um defronte ao outro, os lábios dele quasi a tocar nos lábios dela! (Exclamação de espanto de Simone)

Vitor - Isto é verdade, minha filha? Juras?

Angélica- Pela memória de minha mãe, Papai...

Simone - (chorando) Que infâmia, meu Deus!... Que maldade!... (Soluços)

(CORTINA MUSICAL)

Simone - Como soube onde eu me encontrava?

Herculano - Como tenha sabido não interessa. O que interessa e faço questão absoluta é de remediar o mal que lhe causei.

Simone - É tarde, Herculano. É muito tarde, infelizmente.

Herculano - Mas eu irei pessoalmente ao seu marido e direi como tudo aconteceu. Ele não terá razões para duvidar.

Simone - Mas eu não voltaria para ele por mais nada deste mundo. Com a sua dúvida ele apunhalou e extinguiu o nosso amor.

Herculano - Basta que você o perdõe para que o amor volte a renascer.

Simone - A decepção foi grande demais para que eu possa esquecê-la. Não, Herculano. Não tente a reconciliação porque seria inútil. Se você está realmente arrependido do mal que me fez e deseja de alguma forma auxiliar-me, com as relações que possui arranje-me um lugar de professora ou mesmo de servente em qualquer um asilo de meninas. As crianças constituíram sempre a minha paixão na vida e lá, pelo menos, a minha existência não será inútil.

Herculano - Mas eu poderia reparar a minha falta de outra maneira, se você consentisse.

Simone - Não, Herculano. A melhor maneira, para mim, será esta que acabo de lhe pedir.

Herculano - Pois bem, Simone, seja. Eu voltarei a procurá-la quando tudo estiver arranjado.

(CORTINA MUSICAL)

Angélica - A senhora não tem nada que se meter na minha vida. Eu faço o que quero.

Hilda - Está muito enganada. Agora que sua madrasta já não está aqui, a única responsável por você sou eu e por conseguinte você terá que prestar-me obediência.

Angélica - Era só o que faltava. Se eu não admiti a interferência da minha madrasta vou permitir e interferência de uma estranha? Nunca.

Hilda - Você não tem idade para andar acompanhada de namorados. Ou você me atende ou serei obrigada a dizer a seu pai toda a verdade.

Angélica - Faça o que bem quizer. As suas ameaças não me assustam.

(CORTINA MUSICAL)

Herculano - É um asilo de meninas, a quatro quilômetros da cidade. Foi a única coisa que, de momento, foi possível arranjar. Você irá como professora de trabalhos manuais e auxiliar ~~auxiliar~~ da Diretora que é uma senhora italiana.

Simone - Está muito bem, Herculano. Fico-lhe muito grata. Quando poderei iniciar?

Herculano - Com esta carta de apresentação, no momento em que você desejar, será recebida lá. Só uma coisa lhe advirto: deverá ocultar a sua verdadeira situação de esposa separada do marido afim de evitar complicações com a Diretora que é uma creatura muito cheia de preconceitos. Diga-lhe que é viuva. Será melhor.

Simone - Perfeitamente. Mais uma vez obrigada. Amanhã mesmo irei procurá-la.

(CORTINA MUSICAL)

Vitor - Mas não é possível! Onde se viu uma menina da idade de Angélica andar na rua acompanhada de um namorado?

Hilda - Foi justamente o que lhe fiz ver mas ela bateu o pé e afirmou-me que ha de continuar. Eu não desejava incomodá-lo, mas deante da responsabilidade...

Vitor - Mas eu hei de pôr fim a isto de qualquer jeito. O que não pôde, de forma alguma, é continuar como está.

Hilda - Haveria uma solução rápida e muito prática se o senhor quizesse...

Vitor - Diga, dona Hilda, ajude-me. Eu estou tonto, desorientado...

Hilda - Era interná-la novamente num collegio bem distante daqui.

Vitor - Não deixa de ser uma solução, mas... Bem, eu falarei com ela, primeiro.

Hilda - Mas por favor não lhe diga que fui eu quem lhe contou essas coisas. Diga que o senhor mesmo a viu de longe na rua. No fundo eu quero muito bem a Angélica e somos muito amigas. Se lhe conto essas coisas é pela minha responsabilidade. O senhor compreendo.

Vitor - Compreendo, sim, dona Hilda. Não tenha receio que eu saberei fazer as coisas.

(CORTINA MUSICAL)

Angélica - Foi ^{a abelhuda da} dona Hilda quem lhe contou, eu sei.

Vitor ^{Mãe} - Fui eu próprio que a avistei de longe. Tive ímpetos de chegar e dar-lhe umas palmadas na frente daquele frangote metido a conquistador. Não quero que isto se repita, Angélica. Fica avisada.

Angélica - E se eu lhe disser que continuarei?

Vitor - Eu lhe aviso, desde já, que se sairá muito mal.

Angélica - Não tenho medo de ameaças, meu pai. Elas não me intimidam.

Vitor - Pois bem, você escolha: ou atenderá a minha reclamação e continuará aqui conosco, ou continuará a encontrar-se com esse peralta e eu a internarei novamente num collegio. E desta vez, bem longe daqui.

(CORTINA MUSICAL)

(ANÚNCIOS)

(CORTINA MUSICAL)

Pongéti - A pessoa que lhe ^{recomenda} ^{eucumicha} merece toda a minha consideração, entretanto é indispensável que eu lhe recomende várias coisas. A senhora é solteira ou casada?

Simone - Sou viuva, Madame Pongéti.

Pongéti - É viuva. Muito bem. Não permitimos que as professoras deste Educandário tenham namorados quer aqui dentro como lá fóra. Seria um mau exemplo para as meninas e nós não podemos admitir.

Simone - Compreendo perfeitamente Madame Pongéti. Sobre esse particular a senhora não terá porque se aborrecer comigo, esteja certo.

Pongéti - Esperamos, esperamos. Ha que ter muita severidade com as meninas, não permitindo-lhes nenhuma liberdade que possa vir a prejudicar a distancia que deve existir entre a professora e a aluna. Que trabalhos sabe a senhora para ensinar-lhes?

Simone - Diversos, Madame. Costura, bordados diversos, crochet, tricôt, pintura e poderei dar-lhes, tambem, se achar conveniente, algumas noções de música.

Pongéti - Muito bem. Deixaremos então para depois a organização do programa e cumprir. Pôde se retirar ao seu quarto que na hora da ginástica eu mandarei chamá-la para apresentá-la às meninas.

Simone - Perfeitamente. Com licença, Madame Pongéti. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

Vitor - Quando terei que deixar de brigar com você por causa dos namorados, minha filha? Ha quasi tres anos que as nossas rugas são sempre pelas mesmas motivos.

- Angélica - É verdade. E em quâsi trez anos o senhor ainda não se habituou. A sua cabeça é mais dura do que a minha.
- Vitor - Mas você está apenas com treze anos, Angélica. Ainda não tem idade para isto.
- Angélica - É a mesma razão que o senhor me apresentava ha trez anos atras.
- Vitor - É a única razão porque me oponho.
- Angélica - Poderia ser razão ha trez anos, ~~antes~~ Hoje não é mais. Já estou uma mocinha.
- Vitor - E depois, desse namorado que arranjaste agora tive as piôres informações não admito que isto continue. Ou você acabará com isto o quanto antes ou ha de arrepender-se amargamente.

(CORTINA MUSICAL)

- Vitor - O que ha, dona Hilda?
- Hilda - Sua filha acaba de telefonar de um lugar muito distante, que eu não sei qual seja, pedindo-me que lhe avisasse que não voltará mais para casa.
- Vitor - Como?! O que é que a senhora disse? Minha filha não voltará mais para casa?
- Hilda - Não senhor. Foi o que ela propria me disse ha pouco pelo telefone.
- Vitor - Mas onde está ela? De onde telefonou?
- Hilda - Não sei. Deve estar longe porque mal se percebia a sua voz no telefone. Disse que fugiu com o namorado e que não quer mais saber do senhor. Que será inútil procurá-la porque ela não se deixará alcançar.
- Vitor - Veja o meu casaco, depressa. Preciso avisar a policia incontinentemente.
- Hilda - Óra, seu Vitor, deixe. Para que vai procurar mais coisas para se incomodar? O que é de gosto regala a vida. Ela tinha tudo em casa, não quis ficar, deixe que quebre a cabeça por aí para saber de quantos paus se faz uma canôa. Ficaremos nós os dois aqui. Verá como a vida agora vai ser muito mais tranquila. Ela não lhe faz falta nenhuma. Quem cuida do senhor, da sua roupa, da sua alimentação...
- Vitor - Basta, dona Hilda. Nunca pensei que a senhora fôsse capaz de abrigar nessa cabeça grisalha tanta falta de critério. Vá buscar o meu casaco imediatamente que eu preciso encontrar a minha filha. (Passos af.)

(CORTINA MUSICAL)

- Pongeti - (repreensiva) Disseram-me as meninas que não é a primeira vez que ele a acompanha até o portão do Educandário, dona Simone.
- Simone - Sim, realmente... ele tem vindo comigo algumas vezes, é verdade. Mas creia, Madame Pongeti, que se trata de um amigo, apenas. Digo-lhe mais: foi a pessoa que quando perdi meu marido arranjou-me colocação aqui.
- Pongeti - De qualquer maneira não me parece decente que ele venha acompanhá-la. As meninas estão todas fazendo comentários da sua professora. Isto é muito desagradavel e até mesmo demoralizante. Não fossem os seus trez anos de trabalho e o comportamento até agora exemplar, a senhora não me ficaria aqui nem mais um dia. Aqui dentro eu faço questão absoluta que não se tenha o que dizer sobre a moral das nossas professoras. Pôde se retirar-se. E já sabe que eu não desejo que isto se repita, ou então...
- Simone - Compreendo, Madame Pongeti. Pôde estar tranquila que isto não sucederá outra vez. Com licença. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

- Angélica - O que queres aqui?

- Vitor - Vim buscar-te de volta para casa.
- Angélica- Não vou. Estou mais feliz aqui. Não quero ir.
- Vitor - Angélica! Não me faças perder a cabeça. Vim buscar-te de volta para casa, já disse. Vamos.
- Angélica- Não me arrancarás daqui por nada deste mundo. Já te disse que me sinto feliz onde estou.
- Vitor - Preferes esta espelunca á tua casa?
- Angélica- Não me ouviste dizer que estou muito mais feliz aqui do que lá? E de mais a mais o mal está feito e não adiantarias nada em me fazer voltar.
- Vitor - Minha filha: pensa, por favor. Teu pai ainda te poderá salvar, se tu quiseres. Olha para as tuas companheiras de infortunio e vê o que te espera no futuro.
- Angélica- Não me interessa o futuro. Deixe-me viver como quero e não se intrometa na minha vida. As outras estão como estão porque não foram suficientemente espartas mas eu hei de ser.
- Vitor - Minha filha! Por favor, minha filha! Vem comigo.
- Angélica- ~~xxxx~~ Não me aborreça com tragédias, papai. Deixe-me onde estou que me sinto bem. Se levar-me daqui a força, vai me dar o trabalho de fugir outra vez. *É antes que se vá escute o meu aviso. Cuida-te com aquela brexa que o senhor tem em casa. Fazanto-lhe que foi ela que lhe contou que eu*
- Vitor - Que horror, meu Deus! Que horror!... Que terrível castigo tu me reservas tel...
(CORTINA MUSICAL) *estava aqui mas com certeza não contou que foi ela a culpada de tudo. (Conta tudo ao pai).*
- Simone - Como a assistente do Dr. Merck estivesse indisposta fui eu que o ~~xxxx~~ auxiliei na revista médica e venho trazer-lhe os resultados. Ha trez meninas muito fraquinhas: Catarina, Luiza e Dalva. O Dr. Merck aconselha que passem pelo campo, todos os dias, bem cedo, para respirar o ar puro da manhã.
- Pongeti - O Dr. Merck sempre tem umas bobagens muito exquisites. Como vou deixar essas meninas saírem todos os dias bem cedo sósinhas pelos campos?
- Simone - Elas podem ser acompanhadas por alguém, Madame Pongeti. O Dr. Merck afirma que é absolutamente necessário fazer isto.
- Pongeti - Acompanhadas por alguém, sim. Mas quem é este alguém? Quem vou fazer levantar antes do sol para acompanhar essas meninas ao campo?
- Simone - Se a senhora me permitisse eu as acompanharia com grande prazer. Não prejudicaria em nada o meu trabalho porque estaria aqui em tempo de começá-lo.
- Pongeti - Mas terá que se levantar muito mais cedo, então.
- Simone - Não tem importancia. Será um sacrificio que farei com prazer, pela saúde das pobresinhas. Poderemos levantar ás cinco, caminhar de vagar até á estação de Vista Nova, lá elas tomarão qualquer coisa e se estiverem cansadas voltaremos de trem até aqui.
- Pongeti - Vai ser um trabalho muito grande de espiga para a senhora mais uma vez que deseja fazê-lo, então eu não tenho inconveniente nenhum. É bom que elas reconheçam o seu trabalho um dia.
- Simone - São muito boasinnas todas as trez. Merecem o meu sacrificio.

(CORTINA MUSICAL)

- Pardal - Se o caso é assim como você me conta, meu amigo, o melhor que tem a fazer é abandoná-la ao seu próprio destino. De que serviria entregá-la ao juizo de de menores se ela mesma já declarou que fugirá outra vez? É triste, bem sei, criar-se uma filha para isto, mas... contra a força do destino a nossa força é inútil.

- Vitor - Se soubesse que de insônias, que de lágrimas isso me tem custado!...
- Pardal - Bem posso avaliar, meu amigo. Bem posso avaliar.
- Vitor - Às vezes fico a pensar se não será um castigo.
- Pardal - Péza-lhe algo na consciencia?
- Vitor - (Pausa) Sim. Acreditei nas acusações que ela fez à minha esposa e hoje...
- Pardal - Hoje reconhece que foi injusto com Simone. Mas meu amigo, nunca é tarde para se remediar um mal praticado.
- Vitor - Foi tão grande a injustiça! Não sei se Simone seria capaz de me perdoar.
- Pardal - Simone tem um coração bem formado e aos corações bem formados nada existe de mais sublime do que perdoar.
- Vitor - Nem sequer sei onde ela anda. Encerrei-me no círculo de ferro do meu amor próprio e nunca mais admiti que pronunciassem sequer o nome dela perto de mim. Nunca mais a vi.
- Pardal - Creio que ninguém mais a viu, não foi só você. Mas meu amigo o mundo não é assim tão grande que não nos seja possível encontrá-la se a procurarmos com empenho. Eu sou velho, de pouco valem os meus préstimos, bem sei, mas se permitir que o ajude estou certo que havemos de encontrá-la.
- Vitor - Ajude-me então, meu amigo. Ajude-me a reparar uma grande injustiça.

(CORTINA MUSICAL)

- Pongeti- A senhora tinha me prometido que não voltaria a falar com esse homem e no entanto quebrou a sua promessa e falou.
- Simone - Não foi possível evitar, Madame Pongeti. Nós estávamos justamente sentadas no banco da Estação de Vista Nova, descansando para regressar, quando ele passou no trem. Ele saltou um instante e falou rapidamente comigo.
- Pongeti- Mas falou justamente num assunto que as meninas não deveriam escutar. Ao regressarem para o Educandário o comentário logo se generalizou. E foi justamente baseada nestes comentários que eu cheguei à conclusão de que a senhora havia mentido, dizendo-se viuva quando não é. Seu marido existe. A senhora foi expulsa de casa por não saber portar-se dignamente. Já consegui todas as informações a seu respeito. Pretenderá ainda negar a verdade?
- Simone - Não, Madame Pongeti. Tudo que a senhora soube é exato. Menos de que eu não tenha sabido portar-me dignamente dentro do meu lar. Fui vítima da maldade de minha enteada. Esta é que é a verdade.
- Pongeti- E agora, mais uma vez, foi vítima do comentário das suas amiguinhas por quem a senhora não hesitou em sacrificar-se, levantando-se cedo e levando-as a passear.
- Simone - Eu não tenho sorte com as crianças. Talvez porque as amo tanto!
- Pongeti- O principal que lhe queria dizer, dona Simone, é o seguinte: a senhora na posição em que se encontra, de desquitada ou divorciada, não poderá continuar como professora deste educandário e menos ainda como minha auxiliar direta. Estive sempre satisfeita com os seus serviços, gostei da senhora, da sua educação e etc, mas nestes pontos de moral sou inflexível. Arrume sua mala, vá à secretaria acertar as suas contas e amanhã deixe-nos pelo primeiro trem.
- Simone - Está muito bem, Madame Pongeti. Eu irei.

(CORTINA MUSICAL)

- Pardal - Como?... Você, Simone?!...
- Simone - Eu sim, doutor Pardal. Depois de tantos anos volto a procurá-lo porque necessito outra vez do senhor.

Pardal - Mas foi Deus que lhe trouxe aqui! Na quinze dias que não faço outra coisa
senão pensar em você. Cheguei mesmo - com a idade que estou - a pensar em
sair por esse mundo afóra a procurá-la.

Simone - Tinha tanto desejo assim de tornar a ver-me?

Pardal - Muitíssimo. Mais do que desejo. Tinha absoluta necessidade de lhe falar.
Mas sente-se. O que a trouxe até cá?

Simone - Vinha pedir-lhe auxílio mais uma vez.

Pardal - Porque? Está em situação de dificuldade?

Simone - Sim. Quando sai de minha casa com a alma vazia e angustiada, pensei que
o único consolo que eu poderia encontrar seria dedicando-me - como mãe que
não tinha filhos, - aos filhos que não tivessem mãe. Fui como professora de
trabalhos manuais para um asilo de meninas desamparadas e por culpa das
trez meninas a quem mais me dediquei acabo de ser expulsa de lá sem meios
de subsistencia e mais ninguém a quem recorrer senão ao senhor.

Pardal - Minha casa é grande, filha, e eu sou sósinho.

Simone - Mas não é isto o que eu quero do senhor. Quero uma recomendação a um dos
seus muitos amigos para que eu seja admitida num escritorio, podendo ganhar
para manter-me.

Pardal - Pois bem ~~em~~ você irá esperar aqui até que eu mande chamar uma pessoa de
quem sou muito amigo e que ha de se interessar bastante por você.

(CORTINA MUSICAL)

Pardal - Bem, vou deixá-los a sós para que se entendam. Lembrem-se que não vale a
pena ~~deixar~~ fazer-se a vida pior do que ela é. (Passos que se afastam)

Vitor - (pausa) Serias capaz de perdoar, Simone?

Simone - Não sei. É possível que já tenha perdoado. Nem bem ao certo sei.

Vitor - Não te sentirias com forças de tentar a reconstituição do nosso lar desfei-
to?

Simone - Do nosso lar, talvez... Do nosso amor... não creio.

Vitor - De qualquer forma não viveríamos sós. Teríamos um ao outro e já seria para
nós uma grande vitoria se conseguissemos afastar o fantasma da solidão. É
tão triste viver-se só. Sem ter ao menos quem nos pergunte a razão da nossa
tristeza!...

Simone - Sim, Vitor. Você tem razão. Não ha nada mais triste do que ser-se só!...

Vitor - Amparemo-nos mutuamente, então, Simone.

Simone - Você crê que depois de tudo o que houve ainda poderemos ser felizes um
dia?

Vitor - Felizes? talvez, ^{que eu sei?} ~~mas juntos~~ ^{É amado por um o se amou, ~~francamente~~, pelo mesmo} ~~mas juntos~~ ^{mas nos sentimos} ~~havemos de ser muito menos~~ ^{menos} desgraçados!...

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTEZ, BAIXANDO DEPOIS AOS POUÇOS)

SPEAKER: - Ouviram SIMONE, mais um trabalho de Roberto Lis para o grande Teatro Di-
fusora, sob o patrocínio dos Chuveiros Elétricos Amarel.

Ouçam, na proxima quinta feira, ~~na~~ a estas mesmas horas, mais um gran-
de sucesso do Grande Teatro Difusora, com um novo trabalho de Roberto
Lis.

(Característica musical forte, para final do programa)